

Relações de Gênero e Educação Ambiental no Projeto Mulheres das Águas

Verônica Lima da Fonseca Almeida¹
Leila Chalub Martins²

RESUMO

Este trabalho pretende refletir sobre as relações de gênero conforme configuradas na participação de homens e mulheres no Projeto Mulheres da Águas. Este projeto, iniciado em 2001, é desenvolvido pela Universidade de Brasília no município de São João D'Aliança – GO e visa envolver a comunidade rural e urbana com as questões ambientais na conservação do cerrado, assumindo um processo de educação não-formal ao atuar com a participação de diferentes segmentos sociais locais. Neste sentido, pretende discutir sobre a convivência das diferentes formas de envolvimento e participação de homens e mulheres da comunidade com a questão ambiental tratada no projeto.

Introdução

Segundo Isabel Carvalho (2006), vive-se imerso em uma rede de sentidos culturais historicamente construídos que dialogam permanentemente com os significados produzidos por todas as gerações antecedentes. Assim procurou-se levantar na história local o modo de vida tradicional e a realidade atual da comunidade de São João D'Aliança, de modo a perceber qual o modelo de organização social existente e como ele atua na vida do homem e da mulher. As relações entre estes são evidenciadas aqui em um contexto de comunidade rural tradicional, tendo a realidade da fazenda como modelo ideal seguido pelas demais realidades existentes dentro da organização social no núcleo familiar. Neste contexto, o homem e a mulher ocupam espaços e papéis sociais diversos uma vez que cada segmento assume diferentes representações oriundas das experiências vivenciadas em suas histórias de vida.

Para Nancy Julia Chodorow (1978) a personalidade feminina assume contornos universais, tendendo a ser culturalmente envolvida por sentimentos, objetos e pessoas, enquanto o homem tende a ser mais individualista e objetivo. Para essa autora, as diferenças no comportamento não são inatas ou geneticamente programadas, mas surgem de traços universais da estrutura familiar. Portanto a participação de homens e mulheres no Projeto Mulheres das Águas tem se dado de forma claramente distinta. Os homens têm-se voltado para questões ligadas à agricultura, economia e política, enquanto as mulheres priorizam questões que têm reflexo no espaço doméstico, como a educação, saúde, a natureza e a renda familiar.

¹Pedagoga - UEPB, especialista em Educação e Gestão Ambiental – UNIVERSO. Mestranda em Educação para Gestão Ambiental pela UnB. veronicalfa@gmail.com

² Pedagoga, Mestre em Antropologia Social pela UnB, Doutora em Ciências Sociais - Antropologia pela UNICAMP. Professora da Faculdade de Educação e do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. chalub@terra.com.br.

Essas diferentes formas de participação dentro do projeto se manifestam na prática educativa, pois esse é um espaço de diálogo que envolve a esfera política e doméstica para uma gestão sustentável, uma vez que “a política trata da convivência entre as diferenças” (Arendt, 2004: 21). É pela participação coletiva que a comunidade se fortalece para tentar melhorar suas condições de vida local.

Este trabalho foi resultado de uma parceria entre as autoras: a professora Leila Chalub, então coordenadora do Projeto Mulheres das Águas e Verônica Almeida, com participação voluntária no mesmo.³ As visitas à comunidade de São João D’Aliança e participação nas reuniões do projeto foram elementos importantes para a configuração da pesquisa. As entrevistas e observações do modo de vida local foram delineando a etnografia de uma comunidade tradicional que passou de um contexto eminentemente rural para um urbano na atualidade devido às impactantes transformações sócio-ambientais.

Os resultados mostram que os problemas originados pela perda de território e degradação ambiental, decorrentes da ação violenta de grileiros e do desenvolvimento regional da agricultura mecanizada, levaram homens e mulheres da comunidade a se organizar politicamente através de representações sociais como Sindicato Rural, ONG Mulheres das Águas e outros. A participação desses no projeto é mais uma forma de luta por melhores condições de vida, pois se os sentidos e as práticas ambientais são constituídos por homens e mulheres com olhares e significados diferentes, acabam por se complementarem.

Alguns aspectos conceituais relativos a gênero e meio ambiente ⁴

Enquanto categoria de análise, gênero corresponde ao entendimento de um sistema de papéis sociais atribuídos aos homens e mulheres, determinados pelo contexto cultural, político e econômico. Não se trata, portanto, de uma definição determinada pela biologia ou pela anatomia. Ao contrário, é utilizado para expressar as relações sociais fundamentadas em desigualdades socialmente construídas. Esse conceito surgiu como rejeição ao determinismo biológico, segundo o qual é a partir das diferenças sexuais que a sociedade vem construindo seu entendimento sobre o que é masculino e feminino.

³ Esta participação voluntária possibilitou a realização de uma pesquisa de campo com vistas à produção monográfica, realizada em 2007, que se pretende dar continuidade em 2008/2009.

⁴ As reflexões contidas nesta seção foram construídas coletivamente na Oficina de gênero e meio ambiente, realizada em Brasília, em outubro de 2003, da qual participaram, além da ONG Mulheres das Águas, referida neste artigo, as entidades: Articulação Pacari de Plantas Medicinais do Cerrado; Movimentos Populares do Vale do Jequitinhonha (Campo-Vale), Minas Gerais; Centro de Estudos Ambientais (CEA), Rio Grande do Sul; Confederação Nacional de Mulheres Indígenas (CONAMI); Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA -ZM), Minas Gerais; DFID- Department for International Development; ECOA - Ecologia e Ação, Mato Grosso do Sul; Fundação Joaquim Nabuco (FUNDAI), Pernambuco; Grupo de Trabalho sobre Gênero da Rede PTA Sudeste; Instituto Sociedade, População e Natureza (ISP), Distrito Federal; Instituto Terramar, Ceará; Instituto Terrazul, Ceará; Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia (MAMA); Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MNMTR); Movimento do Graal no Brasil. Minas Gerais; Movimento Interestadual das Mulheres Quebradeiras de Coco (MIQCB); Rede Cerrado de ONGs ; Rede de ONGs da Mata Atlântica (RMA); USAID - Agência Norte Americana para o Desenvolvimento Sustentável; UNIFEM - Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas Para Mulher.

Por ser uma construção social, o conceito de gênero permite compreender-se que as relações sociais variam de sociedade para sociedade e que também podem apresentar diferenças dentro de um mesmo contexto cultural. Tais diferenças resultam, geralmente, de uma série de fatores: a classe social dos sujeitos envolvidos, a sua raça, etnia e/ou faixa etária. Desse modo, um indivíduo pode sofrer com a sobreposição de vários fatores de discriminação, sendo duplamente discriminado, por ser homem ou mulher, branco ou negro, rico ou pobre.

Assim, a forma como se vivencia a relação entre homens e mulheres não está dada no vazio; é também resultante da forma como nos organizamos política, econômica e socialmente. Lamentavelmente, na maioria das vezes, as relações entre homens e mulheres envolvem desigualdades e relações de poder. Desse modo, o conceito de gênero, contribui para questionar as relações de dominação e subordinação, sobretudo, da subordinação de mulheres em relação aos homens.

Essa relação de opressão e de dominação entre os sexos se legitima, fundamentalmente, pela divisão sexual do trabalho, que encontra na família sua manifestação privilegiada. Na grande maioria das sociedades, o trabalho a ser realizado é dividido de acordo com o sexo de quem o desempenha. Isso quer dizer que a divisão sexual do trabalho não se baseia nas características físicas dos indivíduos, mas principalmente em fatores ideológicos e culturais. Conseqüentemente, as tarefas desempenhadas por mulheres e homens, nas diversas sociedades, também variam.

O conceito de gênero tem contribuído para superar a noção do que é tido como "próprio do homem" e "próprio da mulher", na medida em que permite também romper com a dicotomia entre espaço produtivo e reprodutivo. O senso comum tende a atribuir à mulher uma relação mais estreita com a natureza e ao homem um lugar mais próximo a cultura e a esfera produtiva, como responsável natural pelo provimento da família. A associação das mulheres a natureza, se fundamenta, por conseguinte, no seu papel reprodutivo e de educadora dos filhos. Desse modo, a principal esfera de atividades das mulheres ficou sendo a doméstica, ao passo que aos homens foram destinados os domínios político e público.

A associação da mulher a natureza, porém, é uma construção ideológica que envolve muito riscos. O pressuposto de que as mulheres são parte harmônica do meio ambiente, tende a restringir a análise, simplificando sobremaneira o complexo quadro de fatores que determinam a conservação ou a degradação do meio ambiente, bem como as relações entre mulheres e homens, em sua interação com a natureza. Além disso, essa perspectiva sobrecarrega a mulher com o peso da responsabilidade de garantir a conservação ambiental, em face da crença no seu vínculo maior com a natureza. Desse modo, subestimam-se os desafios que implicam mudanças nos padrões sociais de uso dos recursos naturais e do papel que os homens devem também assumir nesse contexto.

E ainda importante destacar os riscos dessa abordagem no que diz respeito ao papel reprodutivo das mulheres. Há uma interpretação corrente que considera o crescimento populacional como o

principal fator de degradação ambiental e escasseamento dos recursos naturais. Conforme essa leitura, freqüentemente, atribui-se às mulheres a responsabilidade por esse crescimento populacional e, portanto, pelo aumento da pressão humana sobre o meio ambiente. Apesar de equivocada, essa é uma interpretação que, infelizmente, ainda persiste e ameaça os direitos reprodutivos das mulheres.

Olhar criticamente para a relação entre mulher e meio ambiente implica, portanto, em desnaturalizar essa relação, sem, contudo, deixar de refletir sobre as peculiaridades da percepção e inserção feminina nesse meio. Muito provavelmente, mulheres e homens percebem, atuam e são influenciados de forma diferente pelo meio que os cerca, em grande parte, devido à posição que ocupam em sociedade, o que não é natural ou da essência de cada um, mas que é determinado culturalmente.

A percepção de gênero, ao enfatizar a importância da cultura na determinação das esferas e atividades que são "próprias do homem" ou "próprias da mulher", revela também as desigualdades que têm fundamentado as relações entre homens e mulheres. Essa percepção parte de sutilezas, dos pequenos detalhes, às vezes imperceptíveis, já inculcados no imaginário dos homens e das mulheres, que são tidos, assim, como naturais.

Uma das principais manifestações das desigualdades existentes entre homens e mulheres refere-se ao acesso dessas últimas à esfera política. Nota-se, facilmente, que as mulheres são mal representadas em todas as esferas da vida política, bem como nos processos de tomadas de decisão. Isso faz com que as suas prioridades, em todos os âmbitos, sejam negligenciadas por políticos e burocratas.

Para que tal entrave seja superado, faz-se necessário que as mulheres internalizem a necessidade de mudar e que as relações entre elas e os homens também se transformem. Trata-se de um processo de empoderamento, ou seja, em que as mulheres passam a participar da vida política, podendo defender seus direitos e interesses, autonomamente. São passos fundamentais, nesse processo, a educação e conscientização das mulheres, a fim de garantir-lhes uma compreensão sobre a dominação que sofrem e autoconfiança para assumir uma perspectiva de que é possível transformar essas relações.

E também preciso construir uma nova idéia sobre a divisão sexual do trabalho, a partir da valorização do trabalho de mulheres e homens na mesma medida, assim como das distintas dimensões de tempos. Romper com a idéia de espaço produtivo e espaço reprodutivo, por ambos, o da casa e o da rua ou da roça, terem igual importância ao produzirem bens e serviços necessários a nossa sobrevivência.

O desafio, pois, é exercitar um olhar que não contribua para que um sexo domine o outro. Um olhar que permita compreender as diversas formas de opressão e subordinação nas relações entre as pessoas. O olhar de gênero implica, muitas vezes, numa mudança cultural profunda na

construção de novas relações entre homens e mulheres, tanto na vida pública quanto na vida íntima. O desafio, pois, está em desnaturalizar as desigualdades, problematizando-as continuamente sob o olhar de gênero.

Para tanto é preciso crer que um mundo diferente é possível, onde a natureza seja conservada, a cidadania seja exercida, as diversidades sejam respeitadas e as relações sociais sejam mais justas e solidárias. É fundamental colocar saberes e conhecimentos acumulados em prol da construção de estratégias que realmente promovam o desenvolvimento sustentável. Discutir gênero se faz urgente, quando é uma discussão incorporada no cotidiano de homens e mulheres.

Falar de gênero e falar de transformação social, onde todos possam ter igualdade de direitos e de oportunidades. Para isso, gênero deve ser entendido não apenas como uma categoria de análise, mas, sim, como perspectiva de transformação dos padrões determinados para mulheres e homens na sociedade, à medida que se reconheça que estes padrões não são o que se costuma chamar de essência feminina ou masculina, mas foram histórica e culturalmente construídos e, por isso, são passíveis de mudança.

Configuração da região pesquisada

O Estado de Goiás está geograficamente centralizado dentro do cerrado brasileiro que é o segundo maior bioma do país, possuindo uma biodiversidade muito ampla em seu ecossistema. São João d'Aliança fica localizado no nordeste goiano na região da Chapada dos Veadeiros. O Município de São João d'Aliança possui uma área de 3.339,5 km, onde prevalece um modo de vida rural; as comunidades tradicionais identificam-se como lavradores. Esse modo de vida vai se modificando com a perda do território, processo que iniciou em 1960 e se intensificou em 1980 com a chegada do desenvolvimento regional.

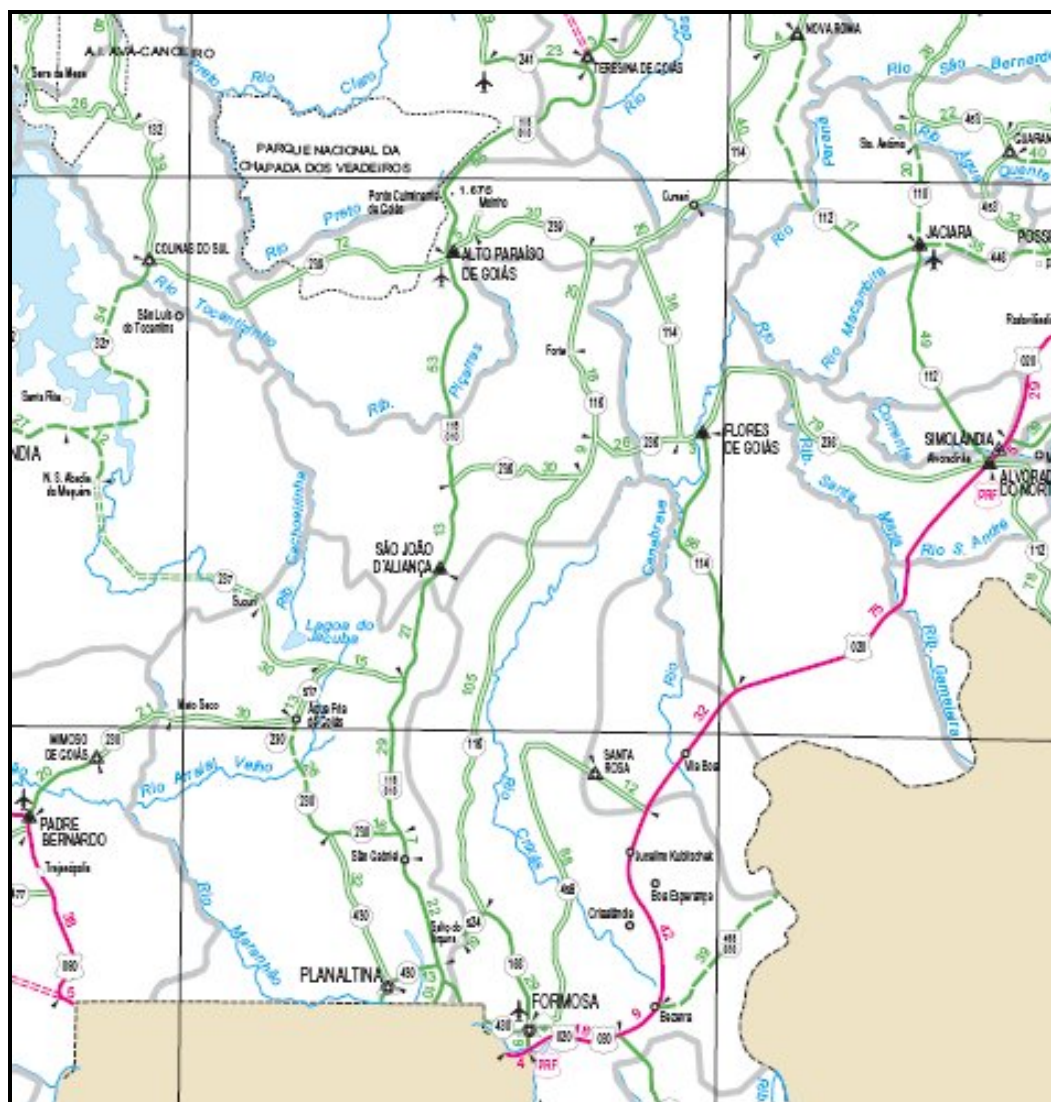
Atualmente os dados oficiais do Censo (IBGE, 2000) indicam que a população residente em São João d'Aliança é de 6.736 habitantes. Destes 3.561 são homens e 3.175 são mulheres, 4.188 residem na área urbana⁵ e 2.158 na área rural. Há uma deficiência no atendimento adequado a população quanto à educação, saúde, emprego, moradia e às demais condições básicas de sobrevivência. É comum a população buscar em outros municípios e no Distrito Federal atendimento médico, escolar, emprego, etc.

A história local está relacionada à história de Goiás com a exploração do ouro, a chegada de escravos para trabalhar nos garimpos, a instalação de fazendas na região com atividade na roça e criação de gado. É a partir desta forma de organização de vida na fazenda que a realidade da posse surge, onde trabalhadores de fazendas, minérios, e negros fugidos de outros Estados se

⁵ Entende-se por área urbana a sede do município. No entanto, é preciso ressaltar que o padrão de vida nessa sede é fortemente marcado pela relação com as comunidades rurais: grande parte dos moradores é oriunda dessas comunidades e mantém vínculos permanentes com suas práticas e valores.

apropriam de terras devolutas constituindo nova forma de organização e produção.

Mapa da região da Chapada dos Veadeiros



Fonte: Mapa rodoviário Goiás. DNIT-2002

Assim, São João d'Aliança se origina no início do século XIX, com o povoado de trabalhadores da fazenda Olhos d'Água, no antigo Município do Forte. Em 1913, torna-se vila e só em 1931 passa a categoria de município. Em 1939 o município foi extinto, passando à condição de distrito pertencente a Formosa. Torna-se município novamente em 1954.

A comunidade rural é constituída pelo modo de vida na fazenda, pela posse; mais tarde surge a pequena propriedade. Ambas desenvolvem em seu espaço condições próprias com a criação de gado e a produção na roça como as principais formas de organização para a sobrevivência local.

Em 1960, inicia-se um processo de perda de terras na região: a comunidade de São João d'Aliança sofreu com esse processo já que era eminentemente rural, vivendo de sua produção realizada em seu espaço de terra. Nesse contexto tanto fazendeiros como posseiros ou pequenos

proprietários sofreram pressão de grileiros, sendo muitos expulsos de suas terras. Desta forma, a comunidade passou a ocupar a área urbana reduzindo a sua produção e sustento familiar, o que levou à busca de outras formas de sobrevivência.

Em 1980, em função da proximidade com Brasília, São João d'Aliança passa a ser servida por rodovias (GO 118 e BR 010), pela instalação de rede telefônica, energia elétrica. O incentivo do desenvolvimento regional chega ao município e outro processo de perda de terras, com a implantação da agricultura mecanizada, se intensifica. Neste período muitos lavradores perderam ou venderam suas terras para grileiros e produtores vindos do sul do país.

A partir daí, a agricultura mecanizada no nordeste goiano passa a ser bastante significativa. Segundo Lima (2002): São João d'Aliança e Alto Paraíso são municípios com maior área destinada a essa atividade. Houve uma série de mudanças nas práticas e nas formas de organização social dos grupos familiares, originando assim conflitos sócio-ambientais na comunidade. Atualmente a comunidade está vivendo em um espaço muito reduzido na cidade, mas tenta manter seu modo de vida rural. As relações entre homens e mulheres foram se modificando, ao passo que ambos tiveram seus papéis sociais modificados em função das mudanças ambientais ocorridas no município decorrentes do assim chamado "progresso". Dessa forma, muitos homens e mulheres reclamam de seu estado de vida atual.

Em função de todos os problemas que vem vivenciando ao longo do tempo, a comunidade buscou ajuda na Universidade de Brasília, no intuito de se fortalecer e encontrar saídas para resolução dos problemas locais. Foi a partir daí que a universidade passou a se envolver com a realidade do município, organizando assim um projeto local, onde a comunidade participa envolvendo-se com os problemas na busca por soluções.⁶

Os papéis sociais de homens e mulheres na sobrevivência local

São João d'Aliança, até 1980, era composta por três realidades rurais, com diferentes formas de organização e relações sociais: a fazenda, a posse e a pequena propriedade. Neste sentido temos a configuração de três grupos sociais.

A fazenda tem origem, em geral, em terras de herança ou lotes comprados na região. As terras de heranças vêm do sistema sesmaria⁷ com produção agrícola e com a criação de gado. Embora as fazendas de sesmarias tenham sido às primeiras formas de organização social e produção rural na região, em São João d'Aliança o sistema não se intensificou e os lotes de terras sesmarias

⁶ A busca de apoio da UnB para o município foi feita pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, tão logo terminou o trabalho local realizado pela Fundação PROGENTE, de organização dos trabalhadores sindicalizados.

⁷ As Sesmarias colônias são assentamentos da história fundiária do Brasil. A instituição de dar, dividir terras tem origem na Roma clássica e passou a Lusitânia, onde, em 1375, no cenário de Portugal arrasado pelas guerras, com a fome instalada e os campos incultos, houve por bem o rei D. Fernando cria uma legislação de doação de terras para os súditos camponeses (Bertran, 1998: 85). A ocupação do cerrado goiano no período colonial, com a exploração de minérios, levou o governo a implantar o sistema sesmaria, sendo as terras distribuídas por igrejas, mas controlada pelo governo paulista.

foram divididos entre os herdeiros e/ou vendidas. Dessa forma, as fazendas que marcam a identidade local são identificadas pela comunidade como fazendas compradas, em sua maioria. A memória local descreve essa realidade como aquela que representava abundância de muita terra e muita produção. A fazenda era o lugar onde o grupo social que ocupa este território é considerado *forte*.

Na fazenda o homem é considerado o principal produtor de alimentos. O trabalho com o gado e a lavoura é visto como um serviço pesado e perigoso, mas próprio do homem. Enquanto a mulher é entendida como organizadora do lar que costurava, cozinhava e cuidava dos filhos, atividades consideradas ideais para o papel exercido pela mulher. Assim o homem ocupa o *espaço de fora*, a terra, e a mulher o *espaço de dentro*, a casa. Deste modo, cada um assumia um papel social na fazenda em espaços diferentes.

Já a realidade da vida na terra de posse, onde antigos trabalhadores de fazendas e na mineração procuravam terras devolutas para constituir sua vida com o trabalho junto com a sua família. Este grupo social é considerado como *fraco*, já que ocupa terras na condição de posseiro, ou seja, não são donos de suas terras. Além disso, esse grupo tinha pouco recurso e por isso toda a família tinha que ir trabalhar na roça para ajudar na produção e sustento familiar. Neste sentido, o homem e a mulher partilhavam o espaço da roça, sendo que é este quem determina as atividades de todo o grupo. Assim o *espaço de fora*, terra e o gado, são dominados pelo homem, embora a mulher e os filhos o ajudem. Enquanto o *espaço de dentro*, a casa, é da mulher. Aqui a mulher trabalhava dentro e fora de casa.

Por fim, temos a pequena propriedade, um grupo social visto como *muito fraco*, com um espaço da produção familiar bastante reduzido, no fundo de quintal, onde a mulher e os filhos são os principais produtores na terra. Esse grupo surge principalmente entre 1940 e 1965, num período em que houve doação de lotes e venda de pequenos pedaços de terras no povoado. Assim, o pequeno proprietário tem pouca terra para sobreviver e sustentar sua família; logo ele tinha de trabalhar nas terras dos outros, tocando gado e roça. Enquanto isso, a mulher e os filhos é que assumem a roça de quintal, plantando tudo que podem e criando bichos de pequeno porte.

Deste modo o homem ocupava o *espaço de fora*, em fazenda de outros, e a mulher com os filhos ocupava *espaço de dentro*, a casa/quintal. Dessa maneira, vê-se que quanto mais terras e mais produção o grupo possui, mais ele é considerado socialmente com força, e quanto menos terra e menos produção, mais fraco este se torna. Nesse contexto, percebeu-se que a realidade da fazenda era considerada pelos sujeitos pertencentes aos demais grupos como modelo ideal e que muitos almejavam alcançar.

O que se pode perceber também é que em todos os grupos o homem ocupa o *espaço de fora*, onde o ambiente é amplo, perigoso e exige força, pois lidar com roça e gado é uma atividade própria do homem. Enquanto as mulheres têm o *espaço de dentro*, a casa como o espaço próprio ao cuidado, a saúde, a educação, a alimentação atividades próprias da mulher.

O homem exercia o papel principal no seu núcleo familiar, mediante a sua prática produtiva e isso influenciava seu poder sobre outros espaços. É o espaço maior que o homem domina o ambiente externo composto pelo mundo da terra, da política, da economia e da cultura que tem sido organizado principalmente pelos próprios homens. No último caso, *o grupo muito fraco* a mulher e os filhos só ocupavam e assumiam as atividades com a terra por que este espaço era uma área muito pequena e o homem trabalhava fora nas fazendas dos outros. Mesmo assim o homem continuava a ocupar o papel principal e a mulher o papel secundário no interior deste grupo familiar.

O espaço ocupado pelo homem é assumido mediante ações que configuram a identidade do seu sexo, mas também ele pode estar subordinado a possíveis alterações, de acordo com o contexto e meio de vida. De um modo geral, o homem ocupa e domina o ambiente exterior. No caso deste homem, para sobreviver ele tem utilizado o cerrado como o espaço para as atividades de agricultura e pecuária. O homem aprende com o pai a dominar o gado e cuidar da lavoura no espaço de fora, área na fazenda.

Por outro lado, esta mulher cresce dentro de um espaço em que ela conhece e desenvolve suas atividades, dentro ou ao redor de sua casa. Neste caso, a mulher exerce um papel secundário no núcleo familiar, pois ela em suas atividades transforma os recursos que o homem trás de fora (carne, feijão, leite e etc.) em alimentos diversos. É dentro de casa que a mulher tem um papel importante na organização da rotina de todos os membros do grupo familiar. Ela aprende cedo a cuidar do espaço da casa, dos filhos, do marido, dos pequenos animais e aprende a fazer sabão, roupa, torrar café e tudo mais que possa complementar o bem estar da família. Seu espaço é essencialmente dentro de casa. Para Sherry B. Ortner “a associação da mulher com o círculo doméstico contribuiria de varias maneiras para a concepção desta como mais próxima da natureza sob diversos aspectos” (Ortner, 1979: 107).

Assim, a mulher de São João d’Aliança tem, em sua origem, um papel doméstico que evidencia uma organização social onde o ideal é que ela desempenhe seu papel dentro do lar. O espaço doméstico é o lugar em que a mulher deve permanecer organizando o ambiente e a vida do marido e filhos.

Tem-se assim, que as relações de gênero se dão com divisão de funções e espaços onde as experiências vivenciadas por homens e mulheres são diferentes, mas ao mesmo tempo ambos mantêm, com a natureza, interpretações e práticas diferenciadas, mediante o uso do ambiente na sobrevivência local.

Assim, os sentidos que foram sendo constituídos por homens e mulheres em relação ao ambiente e mediante suas experiências, refletem o modelo cultural organizado socialmente. Entretanto, percebe-se que no caso de São João d’Aliança o contexto e o espaço de vida da comunidade nem sempre permitiu que este ideal fosse alcançado por todos e as diferenciações entre o modo de vida do homem e da mulher no contexto da fazenda, nas terras de posse e nas pequenas

propriedades mostram realidades muitas vezes distintas. Mas a realidade desses grupos sociais vai se modificando, em consequência da perda de terra para grileiros e do processo de desenvolvimento regional com a agricultura mecanizada implantada na região. Dessa forma, a agricultura tradicional vem sendo substituída pela agricultura moderna, com o agronegócio. Todo esse processo de mudança causaram problemas socioambientais e trouxeram transformações que afetaram a vida da comunidade de São João d'Aliança.

A participação de homens e mulheres no Projeto Mulheres das Águas

O **Projeto Mulheres das Águas**, realizado pela Universidade de Brasília - UnB nas comunidades rural e urbana de São João d'Aliança teve início em abril de 2001 com o intuito de revitalizar o principal fornecedor de água da região, o Ribeirão das Brancas. Busca envolver a comunidade com as questões ambientais, estimulando o uso da cultura local na conservação do cerrado. O projeto assume um processo de educação não-formal ao atuar com a participação de diferentes segmentos da comunidade: associações, igrejas, escolas, grupos de artistas e outros em conexão com a assessoria técnica da UnB.

Ao iniciarmos o projeto Mulheres das Águas, tínhamos a preocupação de buscar conhecer e levar ao conhecimento dos habitantes da região as implicações objetivas que apresentava o rio das brancas, seus problemas, suas implicações e possibilidades de ação no sentido da sua recuperação. (...) O que se pretendeu destacar é o estreito vínculo verificado entre o exercício consciente da cidadania e uma consistente identidade cultural, cuja base permita fomentar o número de pessoas e grupos que sabem e demonstram como viver e valorizar a vida no cerrado (Chalub-Martins, 2005: 4).

Assim, desde o seu início até os dias atuais, o projeto foi se modificando e agregando novas ações como: capacitação de professor, alfabetização de jovens e adultos, consolidação da ONG Mulheres das Águas, produção de orquídea, agroecologia, produção de doces e etc. Atualmente o projeto está desenvolvendo ações em função do turismo sustentável, elaborando um inventário, apoiando cursos de capacitação em turismo e artesanato e estimulando as expressões culturais de São João d'Aliança através da feira cultural. Tudo isso sem perder de vista o seu foco principal que é a preocupação em conservar a biodiversidade do cerrado.

As relações entre homens e mulheres no cerrado, em diferentes faixas etárias, vivenciadas no Projeto Mulheres das Águas, sugerem que o conceito de gênero associado à de meio ambiente pode permitir um importante avanço na compreensão das condições de vida da população envolvida (Chalub-Martins, 2006: 1).

Assim, a questão ambiental tem sido evidenciada no município e, apesar de muitos concordarem que é preciso fazer alguma coisa a respeito do problema ambiental, há diferentes pontos de vista sobre o que fazer, sobre as necessidades do presente e as expectativas do futuro. Da mesma forma, há diferentes olhares sobre o meio ambiente e a forma de agir para se constituir uma prática de educação ambiental, onde o homem tem um olhar político e a mulher visualiza uma ação prática. Mas por que os sentidos visualizados pela mulher são diferentes do olhar do homem? Por que a participação de homens e mulheres no campo ambiental se mostra como um universo de significados diferentes, mas ao mesmo tempo complementar?

Os problemas socioambientais que foram se constituindo no município de São João d'Aliança foram afetando a comunidade que se sentia de mãos atadas com os impactos como, por exemplo, o uso de fertilizantes/agrotóxicos químicos sendo pulverizado sobre as culturas locais. São vários os problemas que preocupam a comunidade, uma vez que a agricultura mecanizada tem desmatado sem dó o cerrado. Atualmente, a comunidade alega que muitos dos frutos que eram colhidos na mata, *como se fosse o quintal de casa*, estão difíceis de serem encontrados por causa do desmatamento para a soja. O pequi, a gueiroba, o araticum e outros recursos naturais do cerrado que fazem parte da alimentação da comunidade local são buscados cada vez mais distantes e isto é uma preocupação de todos. Os problemas em São João d'Aliança são muitos e os olhares de preocupação também são diversos e elas terminam por definir ou interferir na forma de participação de cada um no Projeto Mulheres das Águas.

Desta forma, há pessoas que se preocupam com questões que afetam somente a sua família ou amigos e outras que se preocupam com questões envolvendo a comunidade. Embora o projeto desenvolva ações envolvendo os problemas da comunidade, estes por sua vez refletem uma situação que está presente no país e no mundo.

Em campo, percebeu-se que o envolvimento da comunidade expressa uma expectativa e uma preocupação muito maior com o presente, principalmente na visão das mulheres. Já os homens, embora também tenham a visão dos problemas atuais, apresentam uma maior expectativa com relação ao futuro. Sendo assim, ambos também se comportam e têm atitudes, muitas vezes, diferentes, seja em momentos de reuniões ou até mesmo durante a realização de ações do projeto.

Segundo Carvalho (2004), as atitudes orientam as decisões e os posicionamentos dos sujeitos no mundo e estão ligadas a ação. O sujeito percebe os problemas e procura agir participando das decisões que afetam seu campo de existência, atuando politicamente. Para Hanna Arendt (1989), a capacidade de ação política é a expressão mais acabada da condição humana, pois o indivíduo vive e interfere em um mundo coletivo, onde estão presentes a diversidade de idéias e as divergências.

Assim, a atitude é uma predisposição para o sujeito se comportar de tal ou qual maneira, podendo predizer o comportamento. Mas, freqüentemente, os indivíduos podem comportar-se diferentemente de sua atitude, pois há muitos fatores sociais, culturais, políticos e econômicos que podem influenciar na relação, atitude e comportamento. Conforme Maturana (2000), o comportamento é consequência da relação do sujeito com o meio. Este comportamento é que define a sua posição de participante, já que a ação de cada pessoa pode produzir efeito sobre a coletividade.

A participação da comunidade acontece por que, segundo esta, há uma percepção da existência do problema sócio-ambiental que tem afetado negativamente sua vida. Os relatos mostram que a participação individual se dá por uma busca de melhores caminhos e é discutindo, observando a realidade e cobrando responsabilidades que outros resolvem aderir e participar. Assim a participação individual influencia para um comportamento e uma ação coletiva, integrando o grupo social aos problemas locais. Para Dallari (1984), a força do grupo compensa a fraqueza do indivíduo. É pela participação coletiva que a comunidade se fortalece para tentar melhorar suas condições de vida local.

Assim a participação de homens e mulheres neste espaço tem acontecido de diversas formas, já que seus interesses com as questões ambientais são distintos, embora apresentem semelhança. O homem tem se voltado para questões ligadas à agricultura, economia e política, enquanto as mulheres priorizam questões que tem reflexo no espaço doméstico. De um modo geral, tanto homens como mulheres participam do projeto porque estão ligados a outras formas de organização e são estes segmentos que envolvem a comunidade a participar de ações locais.

Os segmentos locais envolvidos nos projeto são a ONG Mulheres das Águas; Escola Bioma do Cerrado; ONG AGEMA; ONG de Capetinga; Aliança Mulheres do Cerrado; Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São João D'Aliança; Câmara de Vereadores de São João D'Aliança; Prefeitura de São João D'Aliança e Associação Comercial, Industrial e Pecuária de São João D'Aliança - ACIAGA.⁸

A participação dos homens no projeto se dá na representação de interesses voltados as suas distintas realidades: lavrador e peão pelo sindicato dos trabalhadores rurais, vereadores e prefeito pela esfera da política e comerciantes pelo comércio local. Esta posição do homem local está ligada às relações sociais que foram constituídas ao longo do tempo, onde ele sempre atuou em função do mundo exterior: o gado, a roça, o comércio, o poder político e econômico porque, culturalmente, é o homem que resguarda e controla a ordem social. “A sociedade se manifesta por meio de muitos espelhos e vários idiomas” (DaMatta, 2000: 51).

Já no caso das mulheres, há apenas três representantes do segmento com interesse na esfera feminina: ONG Mulheres das Águas é representada pela comunidade tendo uma mulher a frente

⁸ Em função da especificidade da pesquisa, é tratada apenas a participação da comunidade, uma vez que envolver a esfera institucional do projeto não é o nosso foco.

voltada a questão ambiental e educacional, a ONG de Capetinga tem atuado com a produção de artesanato com os recursos naturais e a Aliança Mulheres do Cerrado tem atuado principalmente na confecção de colchas, bordados e etc. Estas mulheres atuam com segmentos que resguardam os valores domésticos e buscam melhorar as condições básicas da comunidade. Assim elas também representam o papel que culturalmente sempre exerceram, atuando em torno das questões ligadas a casa e suas necessidades familiares.

Uma informante de 68 anos recorda:

A mulher que não soubesse costurar era uma mulher à-toa, que não servia para casar. Logo cedo ela tinha que aprender e viver costurando e bordando. Tinha que saber tudo de dentro de uma casa, não tinha tempo para pensar e olhar para o céu. Fazia doce, queijo, costurava dentro da exigência da mãe, se não tinha que fazer tudo de novo e bem feito, as roupas que a gente bordava, nem a máquina borda hoje.

Segundo Maria Níla, ativa no projeto desde 2001, tanto o homem como a mulher participam e decidem as ações a serem desenvolvidas. No entanto, os homens são de tomar decisão e as mulheres de executar as ações práticas. Para ela, a participação masculina acontece principalmente na tomada de decisão, pois “eles participam por que eles falam melhor”. Já os homens alegam que as mulheres participam melhor pelas atitudes práticas, “quando plantam mudinhas e fazem doces”.

Para Sherry B. Ortner (1979), as funções fisiológicas das mulheres tornam-se muitas vezes argumento para aproximação da mulher com a natureza, com a qual ela terá que concordar. Por outro lado, esta posição da mulher a define como pragmática, onde a produção de doce ou a de plantar muda é algo que está ligada ao papel social constituído por seu modo de vida.

Outro fator referente à participação masculina no projeto e em trabalhos comunitários é que, se ocorrer à ausência de outro homem, estes nem sempre compreendem que isto é devido a um imprevisto. Assim os homens agem expressando desconfiança e precipitação contra outro homem. Por outro lado, quando o mesmo fato ocorre com a mulher, tanto os homens como as mulheres tendem a ser mais pacientes e compreensíveis com a condição da mulher. A ausência de uma mulher deve ser relevada, pois esta tem muitos afazeres no lar. Neste caso há, na percepção dos homens, uma legitimação da mulher ao espaço doméstico e não político que é um espaço do universo masculino.

As mulheres foram até agora tratadas pelos homens como pássaros que descidos de qualquer altura, se perderam entre eles: como alguma coisa de delicado, de frágil, de selvagem, de estranho, de suave, de encantador - mas também como alguma coisa que é

preciso fechar numa gaiola, de medo que voe para longe (Nietzsche, 2006: 237).

Esta associação da mulher ao lar é, para o homem, justificável, já que culturalmente ela não deve estar no mundo. Para DaMatta (2000), a casa é o espaço da ordem e não da desordem, quando a mulher fica fora de casa ela causa um estado de desordem. Assim, percebe-se que a separação de papéis sociais é configurada neste espaço, guiados por um modelo ideal e pela condição de vida da comunidade.

Quando são levados a responder sobre a razão do seu envolvimento na proposta, os participantes do projeto, em geral, argumentavam que queriam fazer alguma coisa para mudar a situação de pobreza do município. Os relatos orais mostram que, no desenvolvimento de ações do projeto, os homens têm participado e incorporado de forma prática as questões voltada à terra, como é o caso da proposta de agrofloresta. Para uma informante, “agrofloresta é muita mão-de-obra, até você dar conta de uma dela não é fácil, por que dá muito trabalho, por isso quem mais faz são homens, por que eles dão conta”. Atualmente esta prática é mantida principalmente pelos homens que a consideram a atividade mais significativa do projeto.

A participação das mulheres no projeto se voltou mais para as práticas coletivas, envolvendo a educação. Quando foi perguntado qual o trabalho mais significativo realizado por elas é comum vir à tona as práticas educativas realizadas em escolas. Como exemplo, foi citado o cuidado com a mata ciliar para preservar a água para o uso e manter a saúde dentro de casa. Outra questão apontada é a prática artesanal como um caminho para produzir renda: fazer doces com frutos do cerrado e do fundo do quintal, produzir bolsas, toalhas, colchas de cama, colares e outros.

Participantes do projeto, Maria Níla, Maria Helena e Valdete, em espaços e momentos diferentes, responderam sobre a participação dos homens na preparação de doces. De acordo com suas respostas, os homens não faziam doces. Dona Erondina, uma lavradora e doceira que ensinou e fez doces com a comunidade, diz não lembrar da presença de homens fazendo doces. Para ela, isto é coisa de mulher, não de homem.

Roberto Alves de Almeida (2005) levanta esta mesma visão em estudo sobre o camponês no Mato Grosso. Ao perguntar a uma doceira se o homem também fazia, ela respondeu “Doce é trabalho de mulher, homem nunca faz, já rapadura é sempre homem que faz” (Almeida, 2005: 137).

A sociedade supõe, portanto uma organização consciente de si que outra coisa não é senão uma classificação. Essa organização da sociedade comunica-se naturalmente com o espaço que ocupa. Para prevenir qualquer choque é necessário que a cada grupo particular, seja destinada uma porção determinada de espaço; em outras palavras é preciso

que o espaço total seja dividido, diferenciado, orientado, e que essas divisões e essas orientações sejam conhecidas por todos os espíritos (Durkheim, 1989: 552).

Para Durkheim, toda sociedade se organiza com divisão de espaço e papéis para evitar qualquer choque. Esta divisão de papéis masculino e feminino, em São João d'Aliança, está presente também na esfera da participação política e comunitária, conforme buscou-se demonstrar no presente artigo. Assim tanto o homem como a mulher passaram a estabelecer uma convivência política. Para Hanna Arendt (2004), os homens se organizam politicamente para certas coisas em comum, essências num caos absoluto, ou a partir do caos absoluto das diferenças.

Quando se verificou na história da comunidade de São João D'aliança que as mudanças ocorridas a partir da perda de terras e com a implantação da agricultura mecanizada, constatou-se que os problemas socioambientais tornam-se um caos. E foi a partir deste caos que a comunidade se preocupou com sua condição de vida local, sendo a sua participação na questão ambiental um caminho para lutar por melhores condições de vida.

Considerações Finais

Na história da nossa sociedade percebe-se que o homem tem ocupado um papel de destaque na vida da família e na sociedade em geral, isto é um fato cultural. Por outro lado, este destaque coloca em evidência a subordinação feminina já que a mulher de alguma maneira aparece em condição inferior ao homem em várias culturas. Culturalmente a mulher tem sido associada ao contexto doméstico e esse espaço é considerado por muitos como inferior à organização social e cultural.

Desta forma o homem é associado à força e ao poder de dominar a cultura e, é pelo poder de transformar a natureza em cultura, que o homem tem assumido um papel superior na relação de gênero em seu meio social, projetando assim uma sociedade patriarcal em que o poder está nas mãos do homem.

É no espaço familiar, onde se projeta o meio de vida e as formas de agir, que se colocam cada sujeito em uma direção a ser assumida na relação com um espaço maior, na sociedade, na política, na economia e assim por diante. Assim, as relações entre homens e mulheres têm a sua organização constituída, primeiramente, no núcleo familiar onde esta reflete as formas sociais e culturais existentes no seio da sociedade.

Para Umberto Eco (1983), o modelo cultural está presente neste espaço da vida social como um conjunto de normas e de hábitos que se integram num todo orgânico formando uma determinada proposta de cultura. A partir daí, pode-se dizer que cada gênero vai aprendendo desde a idade infantil qual o papel que homens e mulheres devem ocupar no seu meio.

Esta diferenciação entre o comportamento do sexo feminino e masculino visualizado através do levantamento da memória local foi entendido como reflexo da organização cultural dos grupos familiares de São João d'Aliança.⁹ Este comportamento está presente na questão ambiental, onde as relações entre homens e mulheres terminam por se dar com a mesma forma de sua organização cultural, referente ao modo de vida tradicional.

Neste sentido, o homem tem representado e lutado por questões referentes ao seu modo de vida na terra, na discussão política e econômica, procurando afirmar seu papel principal nas decisões a serem tomadas. Enquanto isso, a mulher tem se preocupado e representado questões voltadas à proteção da natureza, a educação, a saúde e a produção de artesanato para gerar renda. A participação de ambos tem sido de uma convivência diferenciada, onde a dominação e subordinação lutam para legitimar-se neste espaço político. Mesmo assim, percebe-se que os homens terminam assumindo mais o discurso e as mulheres as práticas ambientais, mas sempre voltados ao seu papel social tradicional.

Referencia Bibliográficas

ALMEIDA, Roberto Alves de. Do tempo da Terra Comum ao Espremimento: Estudo sobre a lógica e o saber camponês na Baixada Cuiabana. Dissertação de Mestrado, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2005.

ARENDT, Hannah. O que é política? Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____. A condição humana. Rio de Janeiro: Forence, 1989.

BERTRAN, Paulo. História da terra e do homem no Planalto Central. 1998. Disponível em <www.paulobertran.com/bertran/história.php-11k> Acessado em 10/02/2007.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2006.

CHALUB-MARTINS, Leila. Gênero e meio ambiente: por uma pedagogia do Re-Conhecimento. In Anais do III Encontro da ANPPAS. Brasília: ANPPAS, 2006.

_____. Projeto Mulheres das Águas: Uma experiência de luta pela conservação da vida no cerrado. In Revista do Premio Ambiental Von Martius, São Paulo-Alemanha, v.01, 2005, p. 10-25.

CHODOROW, Nancy Julia. The reproduction of mothering. Brekeley: University of Califórnia Press, 1978.

DALLARI, Dalmo de Abreu. O que é participação política. São Paulo: Abril Cultural; Brasiliense, 1984.

DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil? Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

⁹ Para Maurice Halbwachs (1990) cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva e este ponto de vista muda conforme o lugar que Eli ocupa, e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios.

DURKHEIM, Émile. As Formas Elementares da Vida Religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

ECO, Umberto. Diário Mínimo. Rio de Janeiro: DIFEL, 1983.

HALBWACHS, Maurice. A memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

IBGE. Censo Demográfico 2000. Disponível em <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demográfico_2000/Dados_do_Universo/Municipios/>. Acessado em 04/11/2006.

_____. IBGE Cidades@. 2005. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/Topwindow.htm?1>. Acessado em 08/04/2007.

LIMA, Evania Martins. Caracterização geoambiental e econômica visando subsidiar as ações de planejamento e gestão no nordeste goiano: 2002. Disponível em <www.observatoriogeogoias.com.br/ob,%20%/20martins.pdf.>. Acessado em 02/01/07

MATURANA, Humberto. Transdisciplinaridade e cognição. In NICOLESCU, B. (Org.). Educação e Transdisciplinaridade. Brasília: UNESCO, 2000. Disponível em <www.unesco.org.br>. Acessado em 10/10/2006.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Humano, demasiado humano. Coleção grande obras do pensamento universal, Nº 42. São Paulo: Editora Escala, 2006.

ORTNER, Sherry B. Está a Mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In A mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979